

PROPRIETARIOS
João Pedro de Sousa
e Lyster Franco
DIRECTOR POLITICO
João Pedro de Sousa
DIRECTOR LITTERARIO
Lyster Franco
EDITOR E ADMINISTRADOR,
JOÃO PEDRO DE SOUSA
PUBLICA-SE AOS SABADOS

O HERALDO

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Typografia do Heraldo.
RUA 1.ª de Dezembro
FARO
9004
ASSINATURAS
3 mezes. . . . . 30 centavos
COMUNICADOS E ANUNCIOS
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª
e 2.ª pagina contrato especial.

É Job ou Crésus ? . . .

De longa data sabiamos nós que, se um dia viesse a implantar-se a Republica, nem por isso as classes trabalhadoras, passado o entusiasmo de momento, viriam a ficar plenamente satisfeitas.

Pois se a Republica, muito antes do seu advento, de preferencia á monarchia, já tinha sido alvo dos ataques de uns certos arúspices do socialismo, como não havia de tornar-se, uma vez triunfante, em prega-deira de alfinetes, ou em bombo de uma festa?!

O caso era de esperar. . .

E o peor de tudo, como nós tinhamos previsto, não havia de ser as classes trabalhadoras, desorientadas e exigentes, anteciparem-se muito ao momento oportuno das suas legitimas reivindicações; o peor de tudo havia de ser as classes preponderantes do extinto regime, despeitadas e rancorosas, a pôrem em pratica todo o seu maquiavelismo, a esquadriharem comancia todos os meios de perturbação e a puxarem, fortemente, pelos cordões á bolsa, a fim de remunerarem agentes da anarchia, aos quaes a revolução levantára a mangedoura.

Finalmente: o ricoço insinuando ao misero que fóra codilhado,—o potentado agitando o oprimido, contra os seus libertadores,—Crésus a esgotar a paciencia de Job.

Sabiamos bem, que os pobres operarios, aqueles que mourejam, dia e noite, para ganharem pelo seu braço uma côdea resequida, ha muitos annos que executavam as theorias de Marx, applicando o timpano a varios gramofones. . .

Nesse tempo, meus amigos, isto é, no tempo em que era necessario arrancar ao partido republicano a populacão das fabricas e officinas, na epoca nefasta do engrandecimento do poder real, falava-se muito no socialismo do Estado, para se não dizer o socialismo da realza. E como se esta burla não fosse bastante, lançou-se aos quatro ventos o socialismo da Igreja.

Era um amalgame de elixires, reclamado por todos os dentistas de praça.

Por exemplo :

Ali, o Kaiser com a sua bigodeira de forquilha, o seu aspeto de Jove ameaçador, os seus canhões, metralhadoras e baionetas, estava muito disposto—off. numes bellicosos da Germania! a velar pelo conforto dos sapateiros, a servir de amparo aos alliaates. Ele, o semideus da guerra, das ruinas fumegantes e dos musculos despeaçados, chamava a si, carinhoso, a Miséria, piscava o olho, enamorado, á fome, e, vendo que o Trabalho, tinha o peito nu e mosqueado, de queimaduras, oferecia-lhe a couraça rigida e brilhante, ao menos, como resguardo contra as pneumonias.

Leão XIII, o do riso sardonico, o charmeur, a quem, por motivo da sua boca rasgada, chegaram a chamar o sapo do Valicano, esse, o semeador infernal do escalracho das congregações, desentranhou-se em enciclicas e breves, lançando ao operariado as rêdes do socialismo cristão, como outróra as arrojára Pedro aos saveis e ás pescadinhas.

O caso foi, que o peixe, se não caiu todo, tambem de todo não faltou.

Qual a razão? A ignorancia? A fé?

O facto de, em grande parte, o operariado ser ainda muito contemplativo e atreito ao misticismo?

Tudo isso e mais o comodismo relação.

Em circunstancias afflitivas da luta pela vida, a braços com a Dor, avançando para o Desespero, sentindo a fascinação do Crime e receando, entretanto, o Castigo, o pária, embora humilhado, embora reconhecendo o seu ludibrio, optava pela Caridade evangelica dos ricos, relegando ao infinito das utopias e aos dominios da ambição pecaminosa a socialisação completa do capital, a distribuição equitativa da riqueza.

O operario ficava assim, perante o Cristo, ou antes, em face do seu representante na terra, como Job em presença de Jehovah: despojado, resignado e ainda reconhecido.

Dahi, pervertido o ideal do socialismo puro, corrompida a doutrina dos seus grandes apóstolos, tudo invertido, estragado, Marx de escabeche e com molho de vilão, começaram a aparecer socialismos de toda a especie, propagados por toda a gente, de boa ou de má fé; e até—oh ceus da Parreirinha!—nos paizes meridionaes, a policia, a burlaria, a espionagem, botou socialismo e anarchismo, como nas regiões gélidas do Norte enxertara Gaponio na arvore do nihilismo.

Crésus, então, aproveitou o ensejo.

Alguns, tinha-se implantado uma Republica. Os cabecilhas da revolução, que tinham fundado o novo regime, trabalhavam afanosos para o consolidarem. Era, sem duvida, uma étape, e dos mais importantes, para a emancipação das classes trabalhadoras, pois que os ministros promulgavam leis, que faziam ruir privilegios odiosos.

Supõem, agora, que Crésus, ao ver a multidão vingadora, ficou perplexo de mêdo? Não! limitou o imperador cesarista e o papa solerte, e, mostrando á turba punhadosa de oiro e maços de notas, ele, o velocinio de precioso metal e o cerbero do cofre forte, tomou a attitudde paternal de um caridoso bemfeitor e bradou a Job, que o olhava de soslaio:—Bem vêes que a melhor das Republicas. . . sou eu!

As apparencias que mostrava.

Dito o que dissemos, alguém, armado em procurador do povo, começou desde logo a forjar desculpas e a amontoar justificações. E é por isso que em toda a parte se tem espalhado estas lindas coisas: Que a frequencia na Alameda é diminuta por causa da humidade. Que é diminuta, por que passam a tarde de mais as horas do concerto. Que é diminuta porque são pagas as entradas. Que é diminuta porque as entradas são caras de

mais, e o povo nesta occasião precisa de muita economia, etc.

E dizem-se estas barbaridades impunemente! Com que então por causa da humidade! E esse que assim o espalham são aquelles que pejam todas as noites, até altas horas, os bancos do jardim, á beira da decal. Por ser tarde de mal?

Pois acaso fecharão mais cedo as tabernas, onde formigam avalanches de vicijosos? Fechará mais cedo o animatografo? Acabará mais cedo a movimentação das ruas? E tarde de mais ás 18 horas!!!

—Porque são pagas as entradas! Mas será isto uma novidade? Acaso o mesmo povo não paga, bem mais caros, os seus vicijos e as outras distrações? A Camara faz na Alameda, por motivo dos concertos, uma despeza de proximo a 25 escudos por cada dozingo. Quem deve obrir esta despeza? Ha quem supponha que deve ser a Camara, e são esses aquelles que não frequentam a Alameda, porque pretendem de eraça íres horas de boa musica, ao ar livre, num passeio aprazivel, e acham no entanto de boa pratica, muito economica e muito higienica, passar horas no «Café Esmeralda» ou noutra qualquer, a embutir bebidas de guerra e a meter uma vez por outra uma desprezível moeda de vintem num realejo ou num piano, que em troca os delicia com uma cantata da ultima hora, das de vintem o cento em qualquer barraca de feira.

Tambem ha quem avenge que são caras de mais as entradas, nesta occasião de guerra, em que todos os generos estão caros, pela hora da morte. E acham de mais 2 centavos (uma vez por cada semana!) aquelles que entretanto, não ligam a menor importancia á barateza extraordinaria por que no talho municipal se tem vendido a carne de vaca, que, sem aumento de procura, se manteve, até terça-feira, ao preço de doze vintems e cruzado por cada quilo, havendo portanto uma differença de dois e quatro vintems para menos em relação aos preços dos outros talhos!

E o povo que assim despreza diariamente estes colosaes beneficios da Camara, tem o arrojo de dizer que 2 centavos é muito dinheiro para tres horas de musica na Alameda!

Mas que se lhe na de fazer! E' ir indo com o tempo.

Da Floresta á Tipografia

Os directores de uma fabrica de papel de Essential, quizeram saber o tempo estritamente necessario para a transformação duma arvore em jornal impresso, pronto a ser lido.

Um dia, ás 7 horas e 35 minutos da manhã, mandaram abater tres arvores numa floresta vizinha, as quaes, depois de convenientemente descascadas, foram immediatamente transportadas para a fabrica.

A transformação das arvores em massa de madeira liquida foi tão rapida, que em 2 horas e 34 minutos estava pronto o primeiro rolo de papel.

A tipografia, dum jornal, situada a 4 quilometros da fabrica, recebeu este papel, que fóra transportado em automovel, e ás 11 horas da manhã já se vendia a gazeta nas ruas.

Tres horas e 45 minutos haviam bastado para que o publico pudesse ler as ultimas novidades, á custa das arvores que nesse mesmo dia ainda estavam cheias de seiva!

«Alma Nova»

«Alma Nova» é o titulo da recente publicação periodica de Mateus Martins Moreno; titulo que naturalmente é devido, cremos nós, á circunstantia de ser ainda um moço o escritor que a dirige. Mas nem por isso a nova publicação deixará de ser um repositorio util e curioso de boas ensinamentos e de filios fia agradável, como em geral o tem sido todas as mais que ele, cheio de vida, de boa vontade e de esperanza, tem apresentado á luz da critica.

Mateus Moreno é já sufficientemente conhecido na literatura do Algarve, occupando ao lado dos melhores escritores um lugar de bom acolhimento e de justa deferencia.

A Alma Nova, cujo primeiro numero saiu no dia 20 de setembro, passará a publicar-se regularmente no dia 1 de cada mez, a contar do segundo numero, que deve sair no dia 1 de novembro. Nesse numero encontrar-se-ão artigos brilhantes de escritores algarvios e não algarvios, com diferentes clichés, e a lista de varios dos seus correspondentes e representantes, acompanhada dos respectivos retratos.

Felicitemos este nosso colega e desejemos-lhe todas as prosperidades.

Um duelo a revolver

Desenvolveu-se um pavoroso drama no bairro da Folie-Mericourt, em Paris.

Dois musicos ambulantes, apelidados Cousin e Durville, venturara a tiros de revolver uma questão originada numa rivalidade amorosa.

Um dos dois adversarios ficou morto. O outro está agonizante no hospital de Saint-Louis.

Durante largo tempo, Cousin e Durville foram amigos. Cantavam e tocavam juntos pelas ruas e pareciam uns companheiros que não haviam de brigar nunca.

De repente surgiu uma mulher. E teve a desgraça de os desunir. Os dois velhos amigos declararam-se odio mortal.

Um dia, por volta das 2 horas da madrugada, Leon Cousin e a sua esposa saiam duma taberna da rua Moret.

Já na rua, encontraram-se de repente, cara a cara, com Joseph Durville. Que ocorreu então? O drama não teve mais testemunhas que a mulher que acompanhava Cousin.

Socram duas detonações. Quanto chegaram os agentes, viram os dois musicos estendidos no solo.

Cousin apresentava um ferimento no ventre e Duville estava ferido na fonte direita.

Ambos foram conduzidos ao hospital, Durville expirou ao chegar, Cousin, em gravissimo estado, sofreu a primeira cura, á espera duma operação cirurgica indispensavel.

Poude relatar o occorrido. Segundo declara, Durville disparou sem dizer palavra, e depois suicidou-se.

Talvez isto seja verdade, pois só se encontrou um revolver no local do drama. O sitio do ferimento de Durville torna aceitavel a hipotesis dum suicidio.

Leon Cousin negou-se a declarar o nome da heroína, causa deste sangrento successo.

Uma companhia de olho vivo

A policia de Napolés descobriu a existencia duma grande companhia de olho vivo, com ramificações nouros pontos da Italia e não se sabe se, tambem, do estrangeira.

Esta sociedade não era qualquer coisa: dela faziam parte varios advogados, medicos e outras pessoas, de bastante relevo social.

A especialidade da companhia de olho vivo napolitana, para cometer as suas burlas, consistia no seguinte:

Um medico produzia lesões a um operario segurado numa companhia de seguros contra os accidentes do trabalho, e depois o operario reclamava a indemnisação, alegando que no trabalho obstivera as lesões.

Outro medico pertencente á troupe dos burlistas examinava o ferido e passava um atestado em que affirmava que as lesões eram de maxima gravidade, embora o não fossem.

E a companhia de seguros não tinha mais remedio que pagar a indemnisação, á vista destes documentos falsos e da policia do segurado, que era a unica coisa verdadeira.

E os socios da companhia de olho-vivo repartiam entre si o dinheiro. Equitativamente. . . por certo.

O mau foi que as companhias de seguros suspeitaram da manobra e puzeram a policia na pista dos burlões.

Até agora já foram resos setenta individuos comprometidos nestas aventuras.

DR. MATEUS DE AZEVEDO

Vindo de Tavira, passou eu Faro, a caminho da capital, no comboio correio de quinta-feira, o nosso amigo sr. dr. Mateus Teixeira de Azevedo, illustre presidente da Relação de Lisboa. Sua ex.ª que, segundo nos dizem, leve na gare de Tavira uma despedida afanosa, por parte dos seus innumeros amigos, correligionarios e admiradores, tambem na gare desta cidade recebeu cumprimentos de grande numero de pessoas, a quem sabe preder pela bonomia do seu fino carater e gentileza do seu trato.

CAÑCIONEIRO DO POVO

Estes rapazes de agora, Estes que de agora são, Vão á missa por chalaça, Namoram por presunção.

Quem fala de mim, quem fala? Quem fala de mim, quem é? E' algum chulo velho Que não me cabe no pé.

TRIBUNA FEMININA

Tem-se dito—e isto adquiriu já foros de axioma—que o logar da mulher é junto dos seus filhos, no seu lar, longe das agitações politicas, em que só o homem deve ser interessado. Injustica e inepcia, porque as mulheres, afinal, não são menos interessadas do que o homem no negocios publicos;—se o paiz fó mal administrado, as consequencias dessa má administração, recaem em parte eguaes, tanto sobre a mulher como sobre o homem. Em-le de Girardin, inspirando-se num alto principio de egualdade social, disse: «Tudo quanto for favoravel á mulher, será favoravel ao homem».

E nestas palavras, tão graves e tão ponderadas, sintetisam-se, por assim dizer, as aspirações do feminismo, como base de uma reforma que concede á mulher os direitos a que tem jus. A mulher é um ser pensante, e como tal deve considerar-se um ser autonomo. Ninguém contesta que o seu logar seja junto dos seus filios, enquanto a sociedade não estiver constituída de forma que seja ella propria a mãe dos cidadãos do futuro. Por que virá tempo em que a civilisação e industria publica reclamarão a mulher, e a familia individual, como diz Engels; será suprimida, considerada unida te economica da sociedade.

Nós estamos mais atrasados no seculo XX com relação á autonomia feminina do que se esteve em remotissimas eras. Mas hoje, entre certas tribus indianas, a mulher usufrue direitos, que a civilisação de muitos paizes europeos lhe contesta.

Segundo Morgau, em determinadas tribus primitivas, a eleição do chefe estava dependente do voto de todos os individuos que a constituíam, adultos de ambos os sexos. Entre os iroquezes-senecas, contra-se o casamento sindicalismo, que concedia á mulher uma situação preponderante. Quando o homem não satisfazia as necessidades do casal, a mulher exultava, relegava-o para o proprio clan e não raras vezes casava com outro. Não disputando ao homem a sua superioridade de chefe, era todavia muito vulgar que os chefes se vissem destituídos pelas mulheres da sua tribu e reduzidos á condição de simples guerreiros. A qui, a mulher não era o ser passivo, obediente e resignado das civilisações modernas, a coisa de que o homem dispõe a seu talento, que usa enquanto lhe convém e despreza logo que dela se fatigou,—mas uma creatura conciente, com vontade própria e direitos eguaes. Talvez que a mulher de então abusasse um pouco da sua superioridade; no entanto isto não é razão para que a mulher da actualidade não sofra as consequencias, sobre tudo depois de um período tão longo e de tão agonizante escravidão.

Continuando a citar Morgau, nis suas investigações através da consiliação mundial, diz-nos o illustre economista que o costume, que acima citel, de as mulheres concorrerem com o seu voto para a eleição dos chefes, subsiste ainda em certas tribus indianas, da carater primitivo. Ahi, cada gens tem um conselho formado por assembleia democratica de todos os seus membros-adultos, sem distincção de sexos, e todos com egual direito de voto. Este conselho elege o saquem e outros chefes, bem como os chamados «chefes da fé»; decide sobre o preço do sangue, que é uma especie de tributo colectivo; em que se discutem questões de vingança tambem colectiva, pois que esses povos vivem unidos num estreito principio de solidariedade, por meio da qual as affrontas fere nã são aquelle a quem vão possolm pte dirigidas, mas ainda to todos os individuos constitutivos do mesmo agrupamento; adota estranhos na gens, etc.

O matriarcado, ou direito materno, nas sociedades primitivas, creava á mulher uma situação independente e autonómica. A promiscuidade do amor sexual, em que a mulher se abandonava nos braços de diversos homens, tornava impossivel a investigação hodierna, como diz Engels, «com o seu complemento de adultério e prostituição». Os costumes não melhoraram com a abolição do direito materno, e a mulher caiu do seu pedestal, na escravidão domestica, em simples instrumento reprodutor.

Euripides, poeta grego, que floresceu na Grecia, 480 annos antes de Cristo, designa-a por imcio da palavra aikurema, considerando-a apenas como uma coisa de simples utilidade domestica. A mulher é a creada do homem, a escrava sobre que ele tem direito de vida e de morte.

NOTAS E COMENTARIOS

Cosias do Faro

Dissemos ha dias, a respeito da musica da Alameda, uma verdade que como tal foi reconhecida por toda a gente. Era o caso de nos dar estranheza a circunstantia do povo de Faro ter lido o pio, sa chomedeira, por se ver sem musica, nos passeios publicos, e agora, que a Camara o mimoseou com essa distração, que certamente é das melhores, não corresponder

que sequestra a todo o convívio, encerrando-a no harem, fazendo-a guardar por monstros humanos, como eram os eunucos, e até por cães de guarda, adestrados na caça aos galanteadores...

Se o casamento simbiótico parece imoral, porque a mulher tinha o direito de dispor do seu corpo, e tinha a liberdade do seu amor, a monogamia em que veio beneficiar a moralidade pública?

Veiu o casamento monogâmico purificar o lar?

Não me parece...

O adúltero assentou arrietas no seio da família moderna, e o direito de paternidade, em muitos casos, é ainda uma coisa bem duvidosa. A mulher, desprezada, convertida num ser inconsciente, numa taboleta de virtude, que às vezes não existe, aborrece-se no seu lar deserto, como as odaliscas se aborreciam nos gineceus.

Hoje, não ha eunucos nem cães de guarda para a honestidade das mulheres europeas... e como a ociosidade é mãe de todos os vícios...

Nas classes proletárias, a mulher é honesta. O trabalho, absorvendo todas as suas faculdades produtivas, impede de cair na voragem do tédio. Mas que ha de fazer a burguezia endinheirada, a fidalga de vestidos roçagantes que tem creadas para indo, que se vê rodeada de conforto e cujos apetites, por mais eslavagantes que sejam, se convertem a breve trecho em exqu岸itas, disparatadas realidades? Aborrece-se porque, embora possam chamar-me paradoxal, a felicidade é filha do sofrimento, e não pode ser feliz quem não tenha experimentado o fundo acicade da dor. A mulher aborrece-se. Do aborrecimento passa em natural transição, para o misticismo da igreja ou para o mundano pedacinho do amor furtivo, em alcovas obnoxias, como a alcova do primo Basílio.

Pois bem; não será uma tarefa simpática, imposta pela necessidade de elevarmos a mulher, esta de fazermos propaganda através de todas as classes com o fim de a interessarmos no problema social, libertando-a de preconceitos ridículos, subtraíndo-a á atmosfera conservadora, em que as suas naturaes faculdades intelectuais adormecem, lançando-a no combate pró justiça, pró liberdade?

Maria Veleda.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

O primeiro duelo á pistola

Um erudito publicou numa revista parisiense um interessantissimo artigo em que dá conta do primeiro duelo á pistola, que se realizou e de que ha noticia.

Como se sabe, a pistola é assim chamada porque o seu inventor foi um armeiro da cidade italiana de Pistola, em 1515.

Em 1606 realiso-se o primeiro duelo á pistola. Mas não se trouaram tres bulas sem consequencias. Cada um dos adversarios disparou apenas uma vez, com consequencias.

Este duelo efectuou-se na Bretanha, na região de Retz (Loire inferior).

Dois gentishomens bretões, primos irmãos, Quemane e Tournemine, offenderam-se gravemente e resolveram bater-se em duelo, sem testemunhas, nem medicos, nem juizes de campo... nem espectadores.

Montaram a cavallo e cada um, munido de sua pistola, com as correspondentes descargas, dirigiu-se á uma tapada, onde se encontraram.

Colocaram-se á distancia de seis corpos de cavallo e combinaram que disparariam quando levantasse vdo um passaro que estava pousado numa arvore. Assim foi.

Quemane, ferido em pleno coração, caiu do cavallo e morreu instantaneamente.

Tournemine recebeu um ferimento tão grave, que ao cabo dum ano de sofrimento veio tambem a morrer.

Quarenta e cinco anos mais tarde, em 1651, realiso-se o famoso duelo á pistola entre os duques de Beaufor e Nemours, que se julgava ter sido o primeiro.

Um escandalo telefonico

Os jornaes de Berlim occupam se circunstanciadamente dum caso escandaloso que acaba de descobrir-se, e em que estão comprometidas cinco senhoras telefonistas.

E' o caso que as referidas telefonistas davam communicações beneficinas a um corretor da Bolsa de Commercio, que as tinha comprado, de modo que elas não só lhe guardavam preferencias, mas até um exclusivismo que prejudicava todos os demais negociantes.

Quando algum destes peçia uma communicação, as senhoras respondiam invariavelmente que a linha estava occupada, e deste modo lhe entorpeciam e até lhe impossibilitavam o negocio.

Além disso, o corretor favorecido ouvia todas as conversações dos seus competidores, e desta forma jogava sempre pela certa nos seus negocios de cereaes. Que meninas!

A teoria do comboio volante

O inventor do comboio volante, a que já nos referimos nestas columnas, diz que o segredo do seu aparelho está no des-

cobrimento dum novo principio: o da repulsão magnetica.

Como é sabido, a maior parte dos metaes são atraídos por um iman ou por um electro-iman. Pois bem, o inventor do comboio volante observou que, servindo-se dum corrente alterna, se produz o fenomeno contrario com certos metaes ou seja, que são repellidos. Isto ocorre mais acentuadamente com o aluminio.

Por consequencia, o inventor rodeou ou cobriu o seu comboio volante de uma placa de aluminio, colocou-o sobre dois carris, distantes 60 centimetros, pondo entre eles, a uma distancia de 40 centimetros umas das outras, uma serie de bobinas de indução. Desde que passa a corrente a repulsão magnetica opera sobre o aluminio e levanta o modelo do comboio volante; mas ao mesmo tempo a atração magnetica atua sobre o ferro doce, e sobre as bobinas, que recebem successivamente a corrente e atraem progressivamente o modelo, fazendo que este siga docilmente o seu curso.

O inventor construiu um modelo em forma de torpedo, que fez circular no ar sem nenhum apoio, numa distancia de cem metros, porque o aparelho de ensaio não era mais extenso.

Ao povo do Algarvo

Sendo-me impossivel cumprir o grato dever de agradecer pessoalmente a toda a população desta provincia, sem a menor excepção, as provas de deferencia e a boa vontade com que comigo cooperou na sua administração e governo, cumpro-me faz-lo por este meio, afirmando gostosamente a todos, no momento de deixar o governo civil deste distrito, que fica bem gravada no meu coração a saudade profunda da mais linda das provincias onde vive o povo melhor de Portugal.

Lisboa, 17 de setembro de 1914.

F. Lino Gameiro, Governador Civil do Faro.

VARIIDADES

EDUCAÇÃO FEMININA

E' muito imperfeita a organização dos nossos collegios. As mulheres, que de lá saem, não aprendem a trabalhar, e, o que é pior, envergonham-se de o fazer.

Se ser apologista da educação da mulher, com a pureza americana e tanto á risca como a entendem nos Estados Unidos, tudo a sua forma de educação lhes permite o direito de aspirarem ao journalismo, á assembleia particular, ao meeting publico, ao debate nos tribunaes, e mesmo ao predomínio politico; sem desejar que a mulher, permitam-me o termo, se masculinise a tal ponto—é minha aspiração constante vela emancipar-se pelo trabalho e pela solidez da sua educação fisica e moral.

Os nossos costumes e a nossa indole nunca nos permitiram alargar tamanho horizonte, nem termos as aspirações da America do Norte, o que para nós é, segundo penso, um bem; porem já é tempo de sobra para pensarmos em arrancar á educação das meninas as frivolidades de que a cercam; é tempo de nos sentarmos ao banque do trabalho; é tempo de aprendermos a ser nteis, a ganhar meios de vida, e, que até agora só temos sido um fardo para o pae, para o esposo, ou para o irmão, desprotegido da fortuna.

Preparemos collegios, donde, depois de gastarmos grandes ou pequenas somas, tiradas muitas vezes, com bastante sacrificio, se bem estar da nossa familia, püssamos sair para o seio dessa mesma familia com uma educação, que nos sirva de utilidade, e de que possamos lançar mão, num caso de infortunio.

Vá-se aos Estados Unidos estudar á construção regimental e ordem dos seus admiraveis collegios, de que nem sequer fazamos ideia; analisem-se os meios higienicos, de que os americanos cercam os primeiros anos da infancia, desejando ter—alma sa em corpo são—os seus jardins infantis, as divertões ginsticas para o desenvolvimento da força fisica da criança de hoje, que deverá ser, amanhã, uma mulher sa e robusta; estudem-se finalmente a boa organização das suas escolas de letras, artes e officios—e depois aproveitemos do que vimos, aquillo que convem á nossa indole e aos nossos costumes, visto que temos, por missão principal, unica e exclusivamente, a familia.

A par da variada instrução intelectual, haja nos collegios constante pratica de todos os trabalhos domesticos, e officinas onde a mulher aprenda uma profissão, confirme as suas forças físicas, aptidão, intelligencia e condição do seu sexo.

Que ela seja pianista ou costureira, pouco nos importa isso; o que desejamos é que saiba ser util a si ou a outrem; que tenha uma arte ou officio, que, quando precisar, lhe garanta, pelo trabalho a sua unica e verdadeira emancipação.

Maria de Frias.

O HERALDO, semanario republicano democratico, é o jornal mais estimado do povo e o de maior circulação em toda a provincia do Algarve.

Cartas da Serra

AS ACÁCIAS DO CAMINHO DO MIRANTE—FLORESCENCIAS DE MISSANGA—AS PRINCEZAS DA MONTANHA E AS SUAS GRENHAS PRATEADAS—FILHO DE ALMEIDA—EÇA DE QUEIROZ E O PILITEIRO—PRÓDIGIOS DE ESTILIAÇÃO E SOMBRA FRESCAS—URZES, ESTEVAS, ROSMANINHOS E CARRASQUEIRO—UM TÚNEL DE VENDURA, UMA HIBRIDA E MUITAS PEDRAS—A PLUMAGEM VERDE DOS FÉIOS—UM TOLDO MAGNIFICO—CIFAM-SE PAGINAS CAMILIANAS; UMA FRASE DE SILVA PINTO E FALA-SE DA «CÁCILDA»—ENTRE A REALIDADE E A FANTASTA—O AR TÉPIDO DA HIBRIDA E UM LINDO TIPO DE MULHER—CANTAM SE OS ENCANTOS DA SERRANA E ENALTECE-SE O FULGOR DOS SEUS OLHOS—PRIMAS E «PRIMAS»—MININAS CILINDRICAS, PÓ DE ANJOS E ESPARTILHOS ASSASSINIS—O GRANDE DESGOSTO DO SEXO BRUTO CIVILISADO PRANTE A CONFRATERNISAÇÃO DOS MONTANHEZES, ETC. ETC. ETC.

Lá em cima, perto do caminho do mirante, quasi na crista do cêro, existem tres ou quatro acácias que divergem por completo de quantas povoam estes sitios, desmiando-se de todas ellas, tanto na cor e feição da folhagem como no gracioso mimo das suas florescencias que parecem de missanga.

Donairas e altivas aquelas princezas da montanha recortam o capricioso contorno das suas opulentas grenhas praticadas no céu azul em que arde um sol quente e dominam uma pequena esplanada, pondo no belo conjunto dos verdes circundantes a nota suave do seu vivo colorido.

Filho de Almeida exultou na sua esplendida Sinfonia da Primavera, do Paiz das Uvas, a beleza ornamental do pinheiro e cantou na sua prosa ritmica e sonora as folhas tripontinas e as flores ajasmintadas daquele arbusto elegantissimo, tantas vezes citado pela ironia caustica de Eça de Queiroz que o popularizou vulgarizando a conhecida quadra:

Pilriteiro das pilritos  
Porque não dá coisa boa?  
Cada um dá o que tem  
Confoime a sua pessoa...

Pois creio bem que o grande panfletista dos Gatos, o inimitavel cinzelador de se trecho primoroso chamado Os ceifeiros, havia de exultar se perante o arrependido florido daquelas formosas arvores e de compor, talvez, em sua honra um dos mais harmoniosos himnos da sua bella prosa rendilhada.

São lindas aquelas acácias!

Perto, alastram no solo as sombras discretas do pinhal, a confundirem-se em arabescos gigantescos, entre as variegadas manchas da vegetação em que predominam urzes, estevas, rosmanhos e carrasqueiro.

Cada um destes tipos vezeetes, desabrochando em toda a sua graça em plena montanha, oferece opulentos motivos de estilisação aos estudiosos sendo bem grato ao espirito mais sequioso de ideal escacionar ali alguns instantes, á sombra perfumada e fresca de tão lindas arvores.

Dali, sob um verdadeiro tunel de vendura, em que a aboboda é toda constituída pela folhagem fina dos lentiscos e das acácias, gira um caminho na volta do qual, entre pedras enormes, ornadas todas ellas pela plumagem verde dos féios correm as aguas de um ribeira, que serpenteando através do vale vae occultar-se lá para baixo, nas profundezas dos barrocaes do Banho.

Quasi a meio, debaixo de um toldo perfumado e verde, que uns velhos eucaliptos se encarregaram de estender com a sua folhagem buliçosa, as aguas escorrem mansamente, deslisam e vão estender-se em amplo lençol constituindo um belo lavadouro.

Quando lá chegue e se dê ao grato trabalho espiritual de contemplar aquele formoso rição da mata, recordar-se-á, por certo, daquelas formosissimas paginas de Camilo, em que ele—o Maior de Todos,—na frase consagrada do angustiado Silva Pinto, descreve um lavadouro e a gentileza de uma moça lavadeira, a quem o autor do Amor de Perdição chamou CáCILDA.

Quando lá cheguei, num dos meus passeios destas tardes setembrinas, havia ali tambem uma lavadeira, batendo afanosamente a sua roupa, que o sol coando-se através da folhagem, mosqueava de pontilhas luminosas.

Era uma linda moça!  
No ar tépido que subia da ribeira, naquella ambiente morno em que pairava toda uma multiplicidade de perfumes, a sua beleza parecia resplandecer.

Ajoelhada junto da pedra do lavadouro, o seu belo tipo de morena ostentava a graça encantadora de uma estatueta de Tanagra.

O azeviche dos seus cabelos crespos, o modelar correto das feições, a fiura do perfil, o tom rosado-dourado da cutis, as linhas puras do busto e a modelação escultural dos braços, pateteada pelo arregaçamento descuidado das mangas, davam-lhe um encanto especial, um prodigioso encanto, que os seus belos olhos escuros ainda mais acentuavam.

—Prima, adeus!—gritou-lhe cá de longe, dando-lhe o tratamento usual nestas

paragens, um velho serrenho, que naquella momento ali passava.

Ela respondeu-lhe com um dos seus mais belos sorrisos, um sorriso em que a sua linda boca vermelha qual flor de sangue, floriu na ostentação perlada de uma dentadura magnifica...

Então eu, homem da cidade, habituado a ouvir chamar primas á meninas cloróticas, cheias de pó de arroz e que usam comprimir a fantastica exuberancia da sua pobre plastica entre as tálas assassinas de um espartilho dernier cri, senti, confesso, alancear-me todo o desgosto que deve affligir o sexo bruto civilisado, por não poder tambem chamar prima, ao uso cá destes sitios, á mulheres tão belas como aquella gentil serrana!

Lyster Franco.

Cristianismo e catolicismo

Um extinto jornal de Alcaçer do Sal, depois de se insurgir com muita razão contra a insensata iniciativa de um seu colega na imprensa que inseriu o nome de todas as pessoas contempladas com medicamentos gratuitos da farmacia de um hospital, diz o seguinte:

«A verdadeira mural cristã, essa que não é jesuitica, nem talvez muito catolica, mas que é altruista e humanitaria diz: O que a mão direita der, deve ser ignorado pela esquerda».

O jornal referido devia ter dito «que não é nada catolico», pois o catolicismo que não é mais que uma contrafacção do cristianismo, em nada se pode equanar á doutrina cristã que assenta um luminoso principio: «Anai-vos uns aos outros».

J. Fontana da Silveira.

POSTAS

BOAS NOITES

Estava uma lavadeira  
A lavar numa ribeira,  
Quando chega um caçador.

—Boas tardes, lavadeira!

—Boas tardes caçador!

—Sumiu-se-me a perdigueira  
Ali naquela ladeira,  
Não me faizes o favor  
De me dizer se a brejeira  
Passou aqui a ribeira?

—Olhai que dessa maneira  
Até um dia, senhor,  
Perdereis a caçadeira,  
Que ainda é perda maior.

—Que me importa lavadeira!  
Aqui na minha algebeira  
Trigo dobrado valor.  
Assim eu form senhor  
De levar a vida inteira  
Só a ver o meu amor  
Lavar roupa na ribeira...

—Talvez que fosse melhor  
Ver... coser a costureira!  
Vir, de ladeira em ladeira,  
Apanhar esta canteira  
E tudo só por amor  
De ver uma lavadeira  
Lavar roupa na ribeira...  
E' escusado, senhor!

—Boas noites... lavadeira!

—Boas noites, caçador!

João de Deus.

A graça alheia

ENTRE AMIGOS

—Podes emprestar-me quatro libras, que estou hoje deveras atrapalhado por dinheiro?

—Sim, não poder servir-te, mas não tenho aqui na bolsa essa quantia.

—E em casa?

—Estão todos bons, obrigado.

DELICADEZA

Certo advogado foi visitar na prisão um criminoso que tinha de defender:

—Muito obrigado por esta visitinha, meu querido defensor, e... já sabe que está casa é sua...

NUMA LOJA DE MODAS

Uma fregueza:—Quanto custa esta fazenda?

—O caixei-o requebradamente:—Um beijo cada metro.

—Muito bem; dê-me dez metros.

—Dez metros são dez beijos.

—Está dito, minha avó é quem paga... pode ir receber.

RAZÃO FORTE

—Cavalheiro, uma esmoia para um pobre homem que não pode trabalhar por causa do frio!

—O frio não o deixa trabalhar?!

—Não, senhor.

—Que officio tem você?

—Sou tarapio, e como toda a gente traz o casaco abotoado, é-me impossivel ganhar o pão.

O Heraldico aceita, publica e agradece todas as informações de utilidade publica que lhe sejam enviadas.

A CULTURA DO TOJO NA ALIMENTAÇÃO DO GADO

Geralmente, no nosso paiz, mesmo nas regiões onde ainda predomina o regime pastoril, e onde, por consequencia, a industria da criação de engorda do gado constitue—pode dizer-se, o principal ramo das explorações ruraes, sendo a sua mais importante fonte de riqueza, falta-se muitas vezes com a difficuldade da falta de alimento para o gado.

Como consequencia disto, o pequeno lavrador que se occupa deste genero de exploração agricola vê-se forçado muitas vezes a ter de restringir bastante o numero de cabeças de gado a manter, em harmonia com a superficie de terreno de que dispõe para cultivar, o que não raras vezes representa um gravissimo transbordo para a sua economia. No entanto, paralelamente ao lado das pastagens cheias de seiva e vigor, existem tramos de terreno bastante longos votados ao pousio ou a charneca e em que, com grande exito e vantagem, se podia cultivar o tojo para forragem.

Julgamos que teria a máxima importancia o facto de os nossos lavradores pesarem a serio na questão, aliaz da maior importancia, da cultura e aproveitamento do tojo com o fim de ser utilizado na alimentação do gado.

Quanto a nós este assunto, deve merecer-lhes um pouco de attenção, tanto mais que está plenamente demonstrado que o tojo é uma excelente frragem, bela, grandemente nutritiva e apetecida pelos animaes, quando tenha sido convenientemente triturada em machinas proprias, que facilmente podem ser adquiridas pelas pequenos lavradores, organisados em grupos ou sociedades.

Ha ans, nas proximidades da Marinha Grande, iniciaram-se experiencias officias com o fim de determinar o valor alimentar do tojo no arrajamento das vacas leiteiras, experiencias que foram coronadas de melhor exito.

E' para lamentar que, oblidos os resultados satisfactorios que se conseguiram, as estações officias não fizessem uma alçada-propaganda, no proprio interesse do paiz.

O que é indiscutivel e está provado á saciedade, é que o tojo, triturado, constitue um alimento de primeira ordem para o gado, e especialmente para o gado bovino, quer do trabalho, quer do engorda ou de produção de leite, porque, senão o tojo, muito rico em azoto, contribue para a formação de materia gordá, leite e carne.

O tojo, como todos sabem, é uma planta muito rustica, resistindo ás mais baixas temperaturas, vivendo nos terrenos mais diversos, secos ou frescos, ricos ou pobres, podendo ser cortado muitas vezes, porque vive muitos anos.

Sendo, como dissemos, uma planta muito rustica e dando-se a todos os terrenos e até mesmo criando-se espontaneamente, compreende-se que facil é o submete-lo a uma cultura rendosa e lucrativa, abandonando-o e tratando-o de um modo conveniente, o que dará como resultado o desenvolver-se mais rapidamente dando uma forragem teora, apesar dos seus espinhos que, de resto, são triturados nas machinas.

A sementeira do tojo pode fazer-se no principio do inverno no principio da primavera; sendo quanto a nós preferivel a sementeira no inverno.

O terreno deve ser convenientemente arroteado por meio de uma cava ou lavoura funda e adubada com uma adubação fosfatada potassica.

A quantidade de semente a empregar varia de 20 a 30 quilogramas por hectare, sendo conveniente semente com o tojo a aveia para abrigar o tojo, muito tempo nos primeiros tempos da sua existencia.

O tojo é uma leguminosa e como tal, de propriedade de absorver o azoto atmosferico, dispensando adubação azotada. Em compensação, precisa, como todas as leguminosas, para bem se alimentar, de potassa e acido fosforico.

Em vista do exposto, devemos dizer que a adubação que mais lhe convem são 500 quilogramas de fosfato Tomaz, e 500 quilogramas de canite ou sejam 50 gramas de cada um destes elementos por cada metro quadrado, adubação esta que não só lhe favorece consideravelmente o crescimento como tambem a qualidade e quantidade.

Carlos Guedes.

Alameda do Faro

Importou em 15545 centavos o rendimento da Alameda no ultimo domingo, sendo esta receita distribuida da seguinte forma: Entradas na Alameda 11878 centavos, aluguer de cadeiras 569 centavos, entradas no gineasio 548 centavos e aluguer dos quiosques 2550 centavos.

—Amanhã tocará desde as 18 ás 21 horas a harmonica Artistas de Minerva.

FARMACIAS

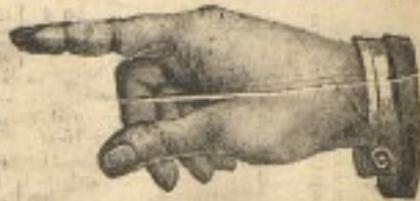
Está amanhã de serviço das 13 ás 22 horas, a farmacia Dinis Amores, Rua de Santo Antonio n.º 28.

OBSERVAÇÃO—Depois das 22 horas e em caso de urgencia pode recorrer-se a qualquer farmacia.



# EMPRESA FUNERARIA FARENSE

DE FRANCISCO VICENTE FERNANDES  
SUCESSOR DE FERNANDES & FERNANDES



Esta casa é a mais habilitada do Algarve e está prevenida de forma a fazer qualquer funeral por pouco espaço de tempo em qualquer ponto do Algarve, como por exemplo em Olhão, espaço de tempo que pôde estar tudo ao dispor do freguez, depois do aviso de 2 horas. Representantes em Olhão, Antonio dos Santos, marceneiro; em Santa Barbara, Antonio Murta, industrial; tempo depois do aviso, 2 horas, em Estol, Cristovam de Sousa Barros, carpinteiro; tempo 2 horas, em Loulé, José Martins, estância de madeiras; 3 horas, em S. Braz, Domingos Dias Neto, carpinteiro; 3 horas, em Tavira, Domingos José Soares, estância de madeiras; 6 horas, em Vila Real, Francisco Néné, comerciante; 10 horas, em Silves, Vicente do Carmo, comerciante; 10 horas, em Albufeira, José Francisco Leote, carpinteiro; 7 horas. Roga-se, que qualquer incidente que se dê, se dirijam imediatamente aos nossos representantes para providenciar em seguida. As tabelas encontram-se patentes ao publico em placas de vidro nos predios dos representantes. Esta casa tambem tem fabrica de urnas de mogno, nogueira etc. lizas, moldadas, entalhadas que garante o seu aperfeiçoamento superior a muitas fabricas de Lisboa. Tambem se fornece a depositos de urnas aos preços das fabricas de Lisboa, pagamento a 30 dias, tendo boas referencias. Torão a advertir para toda a garantia, que se dirijam diretamente a esta casa ou representantes, para sempre sustentarmos os preços das nossas tabelas e a maxima ordem e decencia. Tambem se fornecem urnas por telegrama para qualquer freguez, em varios tamanhos e qualidades. Sempre muito sortido e existencia.

**FABRICA INDUSTRIAL L.º DE MAIO**  
SERRALHARIA MECANICA E CIVIL  
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE  
DE  
**MANOEL CARVALHO**  
RUA INFERNO S. MARIQUE, 100  
—FARO—

Construção de peças Artificiaes—Usam-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**  
Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

## ANEMICOS--DEBILITADOS tomae a AGUA DE CASAES

Pesae-vos antes e trinta dias depois de a tomar e no vosso aumento de peso vereis o seu grande valor reconstituente

EMPRESA DAS AGUAS DE CASAES  
Rua d'Assunção, 57, 2.º  
—LISBOA—

**MAQUINAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES**

Tubos de ferro preto e galvanizado  
Bombas de todos os sistemas  
Charruas e rellas  
Motores a gazolina e a gaz pobre  
Motores Evarade a gazolina para adaptar a barcos

Fundição, Serralharia e Forjas  
F. STREET & C.º L.º  
LISBOA PORTO  
REPRESENTANTE NO ALGARVE  
JOÃO SOROMENHO—Largo da Estação, 31—Faro

**TOUCINHO**  
VENDE:  
ANTONIO MARIA JANEIRO  
CUBA

**ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO** Livros escolares do professor **DR. RIBEIRO NOBRE**

**Tratado de Quimica Elementar (7.ª Edição).** Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO—13500 réis)

Este livro é recomendado a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as escolas quimicas da modificação tratada em separado com a maxima clareza e facilidade de aprendizagem; e a parte descriptiva e a parte da applicação da quimica a industria e a agricultura. Este tratado foi adoptado em varias escolas de quimica elementar em Portugal e no estrangeiro. Este tratado foi adoptado em varias escolas de quimica elementar em Portugal e no estrangeiro.

**Lições de Fisica do curso geral dos liceus e escolas normaes (11.ª Edição).** Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. (PREÇO—13200 réis)

Este compendio, dividido preliminarmente em quatro partes, foi preferido pela Commissão creada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario e apresentado ao Conselho de Instrução de 1899, e seguidamente adoptado em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diário do Governo n.º 261 do mesmo anno. Foi tambem adoptado pelo Conselho de Instrução de 1909 (D. de G. n.º 192). Este livro é adoptado de um curso geral de fisica nas escolas de ensino secundario e nas escolas de ensino primario e nas escolas de ensino primario e nas escolas de ensino primario.

**Tratado de Fisica Elementar (8.ª Edição).** Um volume de IV 702 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras (PREÇO—13800)

Este tratado de fisica foi preferido pelo Conselho creado pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario e apresentado ao Conselho de Instrução de 1899, e seguidamente adoptado em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diário do Governo n.º 261 do mesmo anno. Foi tambem adoptado pelo Conselho de Instrução de 1909 (D. de G. n.º 192). Este livro é adoptado de um curso geral de fisica nas escolas de ensino secundario e nas escolas de ensino primario e nas escolas de ensino primario.

**JOÃO PEDRO DE SOUSA**  
ADVOGADO  
ESCRITORIOS: Rua de S. João, 17  
Morada—Rua João de Deus  
FARO

**SERRALHARIA E FABRICA**  
DE COLCHÕES DE ARAME  
Montados em Ferro ou Madeira PITCH-PINE, os mais solidos e perfeitos FOGÕES, COFRES E DEPOSITOS PARA AGUA EM CHAPA DE FERRO OU CHAPA DE FERRO ZINCADO  
TODOS OS TRABALHOS SÃO GARANTIDOS  
—PREÇOS SEM COMPETENCIA—  
**LUIS GONCALVES MARANTE & C.º**  
37—RUA RAFAEL DE ANDRADE—39  
ao BAIRRO DOS CASTELINHOS, proximo ao INTENDENTE  
—LISBOA—

**BUAS FARIAS E CARVALHO**  
Det.º qualidade. Muito economicos em fornalhas e fogões, a 20 centavos cada 15 quilos. Comprando 40 75 quilos ou mais, tem abatimento, que será maior quanto maior for a quantidade.  
M. SHOKHAN—R. João de Deus, 83 (Ferreiro do Bispo)—FARO